

“Um município chamado progresso”: discursos acerca da cidade de Ampére-PR

Neli Gehlen Motta

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar algumas questões referentes à análise do discurso que identifica a cidade de Ampére, no Sudoeste do Paraná, como Polo Industrial do Estado. Tal discurso é fundamentado em um ideal de desenvolvimento baseado na industrialização em Ampére – PR. Tenho como base teórica os autores Francisco de Oliveira e Sônia Mendonça na busca por compreender o processo mais amplo no qual a cidade de Ampére se insere, de industrialização e de busca por “progresso”. Além disso, para a análise do discurso e da ideologia presentes nesse processo tenho como base os apontamentos trazidos por autores como: Eni P. Orlandi, José Luiz Fiorin e Marilena Chauí. As fontes utilizadas para a pesquisa são revistas produzidas pela Prefeitura Municipal, dados do IBGE e entrevistas realizadas com moradores da cidade. Para o trabalho aqui apresentado fiz a seleção de um dos exemplares da revista, com o título Ampére, 34 anos, III FICAMP, produzida em janeiro de 1995. Tal exemplar apresenta diversas questões que julgo pertinentes para análise, pois é uma das principais ferramentas utilizadas pela administração, por empresários e pela Associação Industrial da cidade para a disseminação do discurso que define Ampére como cidade próspera, voltada para a industrialização, a qual trará o “progresso” para o município. Na análise parcial que desenvolvi até o momento, acredito ser relevante a apresentação e discussão de alguns pontos, como a valorização do setor industrial do município, altamente incentivado financeiramente, assim como o papel secundário e submisso dos outros setores da sociedade, os quais são deixados de lado, recebendo pouco investimento e atenção por parte da administração pública. Tais setores, como a educação, a saúde, a agricultura, são apresentados neste exemplar de forma que passe para o leitor a ideia de uma cidade estritamente industrial, que tem na saúde a garantia de trabalhadores sadios, na educação a formação de mão-de-obra e na agricultura a base para o bom funcionamento das indústrias. Assim, a partir das análises realizadas até o momento, percebo que ocorre no município de Ampére uma forte intervenção por parte do poder público, que subsidia a construção de barracões, além de conceder outros privilégios ao setor industrial, como a isenção de impostos ou a disponibilização de máquinas e operários na realização de obras particulares. Deste modo, acredito que a compreensão de tal processo pode ser buscada nas concepções culturalmente estabelecidas de desenvolvimento, o qual, dentro do sistema em que vivemos, sempre privilegia determinado setor, o mais rico, em detrimento dos outros, sendo que o faz de maneira absolutamente naturalizada. O que nos leva a questionar o ideal de “progresso”, colocado aqui entre aspas por razões conceituais, o qual deveria atingir então todos os setores da cidade, promovendo uma sociedade com educação e saúde mais valorizadas, e não apenas o setor industrial, responsável tanto pelas alegrias quanto pelos desgostos presentes na vida dos trabalhadores em geral.

Palavras-chave: discurso; industrialização; Ampére; Sudoeste.

As mudanças na economia e nas formas de produção vêm alterando a vida de trabalhadores do mundo inteiro há mais de um século. A introdução de máquinas com tecnologias cada vez mais avançadas produz efeitos não apenas nos grandes centros urbanos, mas também em muitas pequenas cidades e ainda no campo. Tais mudanças afetam o modo de trabalhar e conseqüentemente o de viver de todos os envolvidos, podendo ser entendidas ora como benéficas, ora como desastrosas ou ainda, contendo as duas interpretações ao mesmo tempo. Arelada a essas mudanças, existe a necessidade de que as pessoas as percebam como necessárias, como algo bom para suas vidas. É então que as classes dominantes utilizam de meios que convençam a população em geral de que a implantação de indústrias e empresas de grande porte trará o chamado “progresso” para determinada região e para as pessoas que ali vivem e trabalham. Com esse discurso, disseminado nos mais variados meios de comunicação, ocorre um processo que visa angariar o apoio da população aos projetos de industrialização e modernização da cidade e do campo. A análise de tais discursos é o objeto da pesquisa que desenvolvo como Trabalho de Conclusão de Curso, sendo que, com base nos apontamentos acima mencionados, a comunicação aqui apresentada tem como objetivo discutir a construção dos discursos que identificam a cidade de Ampére como pólo industrial da região Sudoeste do Paraná e cidade plenamente desenvolvida, o que pode ser percebido através do *slogan* “um município chamado progresso¹”.

As fontes utilizadas para a pesquisa são Revistas produzidas pela Prefeitura Municipal, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e entrevistas realizadas com munícipes amperenses. Para a presente comunicação selecionei um dos exemplares da Revista, intitulado Ampére 34 anos, III Ficamp, lançado em dezembro de 1995 a partir de um projeto conjunto entre a Prefeitura Municipal e empresários da cidade. Na primeira etapa da pesquisa, fiz o levantamento e a análise das revistas com o intuito de perceber de que maneira o discurso é construído e disseminado através das mesmas, sendo que de 1989 até 2004 foram lançados 6 exemplares, com diferentes formatações e financiamentos. Na segunda parte da minha pesquisa, meu objetivo é investigar de que maneira essa industrialização afetou os diferentes setores que compõem a sociedade, pensando se o ideal de desenvolvimento implícito a esse processo leva em consideração os diversos aspectos da sociedade e não apenas o crescimento econômico de determinados setores, ou grupos, em detrimento de outros.

Para a análise dos discursos presentes no conjunto de revistas analisadas, usei como base as considerações feitas por José Luiz Fiorin, no livro *Linguagem e Ideologia*². Na obra, Fiorin discute de que maneira o discurso é, ao mesmo tempo, constituinte da e constituído pela sociedade a qual pertence. Diferentes grupos possuem diferentes discursos, e estes são a expressão das suas ideologias. A ideologia, por sua vez, pode ser entendida como a “falsa consciência”, ou seja, é a realidade aparente, uma maneira superficial de ver determinada situação, lugar ou mesmo o mundo. Assim, embora haja diversas ideologias, dependendo do grupo de indivíduos que se analisa, a ideologia do grupo dominante acaba se sobrepondo às outras, pois esse grupo geralmente possui as ferramentas de coerção e subversão da realidade, capazes de convencer os demais de que a sua maneira de ver e explicar a realidade é a válida. Deste modo, de acordo com Fiorin, “(...) o discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizada e modelador de uma visão de mundo³”.

Outra referência importante para o trabalho com discursos é a obra *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*⁴ da autora Eni P. Orlandi. A proposta da autora é fazer uma relação da linguagem com a exterioridade, levando em conta, entre outros elementos, as

condições de produção do discurso. De acordo com Orlandi, é na linguagem que a ideologia se materializa, sendo que todo discurso é intencional, estando impregnado de valores. Segundo a autora, na análise do discurso devem ser levados em conta aspectos como: condições de produção, o que está sendo dito e o que é “real”, os sujeitos do discurso e a ideologia presente no mesmo, buscando perceber também os elementos ocultos, mas perceptíveis no sentido que o discurso toma. Para maior compreensão do conceito de ideologia, o qual se apresenta em diversos momentos na minha apresentação, utilizo os apontamentos da autora Marilena Chauí, no livro *O que é ideologia?*⁵, os quais contribuem para a compreensão da consolidação do discurso que se faz hegemônico em Ampére, analisando os modos segundo os quais se afirma a ideologia. Deste modo, a industrialização é mostrada como um interesse geral da população, apesar desta encontrar-se completamente alheia às decisões tomadas ao longo do processo de implantação das indústrias no município. Difunde-se, portanto, a ideia de que o “desenvolvimento” seria de interesse de todos, quando, como se percebe nas fontes, trata-se da expressão dos interesses dos grupos políticos e economicamente dominantes daquela cidade, enquanto que outros projetos são suprimidos em função de tal ideal.

O município de Ampére, situada no Sudoeste do Estado do Paraná, teve sua emancipação firmada em 1961, quando foi reconhecida como município pela Lei 4.348 de 11 de abril, sendo desmembrada do município de Capanema. A população do município, de acordo com dados do Censo 2010, é de 17.308 habitantes, sendo que 13.257 residem na zona urbana e 4.051 na zona rural⁶. A chegada dos primeiros moradores data de 1947, de acordo com informações do site do município. A ocupação daquela região aconteceu de forma mais acentuada após a implantação da CANGO – Colônia Agrícola General Osório – a qual fazia parte da política de ocupação do território implantada por Getúlio Vargas, a chamada “Marcha para o Oeste”.



Localização do município de Ampére⁷.

Segundo o autor Ruy Wachowicz⁸, as primeiras atividades comerciais realizadas no Sudoeste paranaense, por volta de 1920, foram extração de erva-mate e criação de porcos, sendo que havia poucos habitantes naquela região na época. A ocupação se deu de forma mais expressiva quando teve início a extração do pinheiro araucária, abundante naquele local. No entanto, a ocupação de forma organizada, de acordo com o mesmo autor, aconteceu somente a partir de 1943, quando foi criada a CANGO, já citada anteriormente, a qual teve participação decisiva no povoamento do Sudoeste e da região onde hoje se localiza Ampére. Além disso, o

autor afirma que as famílias que vieram para essa região eram, sobretudo, colonos descendentes de imigrantes alemães e italianos, oriundos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses migrantes eram atraídos pela propaganda do Governo Federal em função da ocupação dos territórios de fronteira. Muitos desses colonos, segundo o autor, saíam de suas casas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina sabendo, apenas por alto, que o governo estava distribuindo terras e dando garantias de disponibilidade dos meios necessários à formação de uma comunidade: escola, igreja, pontos de comércio, etc. O autor ressalta ainda a importância que a chamada Revolta dos Posseiros, ocorrida em 1957, teve para a região, pois redefiniu sua dinâmica, garantindo a posse de terra a vários colonos. A partir dessa ocupação mais massiva da região é que teve início o povoamento da região que hoje compreende o município de Ampére.

As indústrias começaram a ser implantadas somente mais tarde, quando, de acordo com Lustosa⁹, a estrutura social se modificou, possibilitando a criação das primeiras indústrias. De acordo com o autor, havia no Sudoeste uma série de pequenas propriedades rurais, o que fez com que surgisse certo nível de comércio entre elas, com a presença de pequenos estabelecimentos e a fabricação de alguns produtos artesanais comercializados entre os indivíduos da própria região. Assim, essa estrutura que mesclava a atividade rural com aquelas de beneficiamento de produtos, fez com que a industrialização ocorresse somente mais tarde. Segundo o autor, foi com a modernização do campo, iniciada no Sudoeste por volta de 1960, que as cidades passaram a oferecer condições propícias para a instalação de indústrias. Devido à substituição do trabalho humano pelo dos maquinários, fertilizantes e defensivos, houve na região elevado êxodo rural. O autor ressalta ainda a importância do capital financeiro nesse processo, pois foi ele que subsidiou, em primeira instância, a compra dos maquinários e em um segundo momento, a implantação de indústrias na região.

Ao longo dos últimos anos, mais precisamente a partir de 1989, a cidade de Ampére passa por um processo de industrialização crescente, fomentado pela Prefeitura Municipal através de subsídios fiscais e construção de barracões negociados em regime de comodato. Ao longo desse mesmo período, observa-se a construção e disseminação de um discurso oficial sobre a cidade de Ampére, o qual a define como polo industrial da região Sudoeste. Essa visão é difundida pelos meios de comunicação do município e da região, assim como pelo site oficial da Prefeitura e por placas colocadas em pontos estratégicos da cidade. No entanto, a fixação desse discurso acerca do processo de industrialização de Ampére, se deu principalmente por publicações feitas pela Prefeitura, as quais são distribuídas gratuitamente para os municípios e em outras cidades da região. Nestas publicações, entendidas aqui como revistas, percebe-se que a industrialização do município de Ampére implicou numa série de ações da Prefeitura, as quais necessitaram de grandes investimentos financeiros. Essas ações basearam-se em determinado ideal de desenvolvimento aplicado no município, o qual é voltado, quase que unicamente, para o sentido econômico.

Para subsidiar a compreensão acerca do conceito de desenvolvimento no Brasil, partirei das reflexões de Francisco de Oliveira, presentes no livro intitulado *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*¹⁰. Nesta obra, Oliveira critica os estudos acerca do processo de consolidação do capitalismo no Brasil, afirmando que ao analisar a questão opondo uma classe dominante, poderosa e outra explorada, resignada, muitos autores deixaram de perceber a maleabilidade do sistema, tornando-o estático. O autor critica esse tipo de análise e propõe uma nova maneira de se pensar o processo, baseado na funcionalidade do atraso no desenvolvimento capitalista brasileiro. Assim, Oliveira apresenta sua análise do conjunto de medidas tomadas a partir de 1930, que facilitaram a industrialização brasileira, como a criação das leis trabalhistas, a transferência de excedentes da atividade agroexportadora para a

indústria, entre outras, indo até a época da publicação do primeiro ensaio, em 1972. A análise da obra de Francisco de Oliveira é importante na medida em que propõe uma nova visão para a compreensão do processo de instalação do capitalismo no Brasil e suas consequências, dentre as quais, podemos citar a industrialização, tema desta pesquisa e as desigualdades sociais acirradas com esse processo.

No que diz respeito à industrialização, tenho como base para as discussões o livro *A Industrialização Brasileira*¹¹, de Sônia Regina Mendonça. Nesta obra, a autora apresenta as linhas gerais do processo de industrialização do Brasil, os motivos do seu retardamento, a forte influência do Estado a partir de 1930 e as consequências que essa industrialização trouxe para o país. A partir desta obra é possível perceber os diversos fatores que influenciaram a implantação de indústrias no Brasil a partir do século XVI até o fim da década de 1980. Além disso, é importante observar a análise de Mendonça com relação à intervenção direta do Estado no processo de industrialização, iniciado em 1930, o qual proporciona um grande impulso ao desenvolvimento econômico do país. Assim, Sônia Mendonça aponta importantes questões referentes a esse processo, concluindo que:

(...) enquanto não se decidir que *industrialização* deve rimar com *distribuição de renda*, nenhuma medida mudará nossa situação: somos a oitava economia do mundo, porém uma das que exibe os mais altos índices de pobreza, miséria e violência.¹²

Sendo assim, a obra, além de fornecer subsídios para a compreensão do processo mais amplo de industrialização do Brasil, auxilia na reflexão sobre a industrialização e a intervenção da Prefeitura de Ampére na implantação de fábricas naquele município, tendo como discurso o progresso que tais iniciativas irão trazer. Além disso, é importante analisar o que as fontes demonstram sobre a concepção de progresso e de desenvolvimento presentes no projeto de industrialização. Isso pode ser percebido em diversos pontos das revistas, principalmente no exemplar aqui apresentado para a análise. É possível perceber que a Prefeitura, ao valorizar o setor industrial, deixa de lado outras questões referentes aos interesses dos munícipes, ou então, os coloca em função dessa industrialização, sempre atrelado a ideia de desenvolvimento. A revista analisada a seguir – Ampére 34 anos, III Ficamp, produzida pela Prefeitura Municipal de Ampére em janeiro de 1995 – apresenta diversas reportagens que serão discutidas detalhadamente, buscando apontar questões referentes ao discurso de Ampére como polo industrial, cidade desenvolvida e no caminho do progresso.

Na reportagem intitulada “Um urbanismo à altura do nome” são mostradas imagens de reformas sendo feitas na área urbana do município. No texto apresentado ao lado das imagens nota-se a referência à industrialização, principalmente no trecho “Ampére procura se adequar urbanisticamente, à conotação de município altamente industrializado”, além de ser reforçado o *slogan* “um município chamado progresso”. Contudo, o que se percebe atualmente na cidade é um crescimento desordenado e mal planejado, com ruas estreitas ou mal distribuídas, uma avenida simples com diversas rotatórias que complicam o trânsito causando diversos acidentes. Além disso, os bairros que nasceram ou tiveram seu grande desenvolvimento no momento de implantação dessas indústrias cresceram de forma absolutamente desorganizada, com ruas mal pavimentadas, ausência de rede de esgoto, pouca iluminação pública, enfim, um crescimento que só representa números, de munícipes, de trabalhadores. No entanto, não se reflete na qualidade de vida dos mesmos, os quais vieram em grande número do interior do município ou então de cidades vizinhas, atraídos pelo discurso de que Ampére era a cidade do futuro, com suas indústrias e vários empregos que seriam gerados, sem serem citadas, no entanto, as condições que esse crescimento aconteceria.

Outra questão presente na revista que julgo pertinente para análise é um trecho onde aparece uma referência ao sistema público de saúde do município, o qual, já há muitos anos, vem sendo criticado por aqueles que necessitam do mesmo. O título é “Sistema preventivo garante saúde à população”, e no decorrer do texto é possível perceber que a saúde não é importante por si só, por simplesmente manter as boas condições de vida das pessoas, mas ela possui um fim diretamente ligado à industrialização, o que pode ser percebido no trecho “com o objetivo de proporcionar aos cidadãos, condições de profilaxia preventiva, visando além da preservação da saúde a capacitação física para o trabalho, o município possui um programa de prevenção”. Assim, percebe-se que além de serem deixados de lado os investimentos em outros setores da sociedade, aqueles que os recebem têm um fim bem explícito: garantir o bom funcionamento da produção nas indústrias amperenses. Ao longo da reportagem são demonstrados diversos números referentes ao atendimento médico realizado, enaltecendo ainda o fato de que dentro de pouco tempo será comprado um novo aparelho, que garantirá um funcionamento ainda melhor deste setor, o que, em nenhuma medida, significa melhores condições de saúde para as pessoas, mas sim, maior capacitação para o trabalho, conforme já discutido acima.

A questão da educação também é colocada explicitamente em função das indústrias da cidade, o que pode ser percebido desde o título da reportagem: “Na educação, a formação da mão-de-obra”. Ao longo do texto são apontados mais números com a intenção de demonstrar que estão sendo feitos investimentos neste setor. No entanto, o mais revoltante é o fato de que a educação não é pensada como maneira de formar cidadãos críticos, preocupados com o mundo em que vivem, capazes de compreendê-lo e atuar no mesmo, provocando mudanças, melhorando a sua vida e a daqueles que convivem com ele. Ela é posta, assim como tudo na cidade, a serviço da industrialização, pois são as indústrias que trarão o desenvolvimento para a cidade. Mas um tipo de desenvolvimento esdrúxulo, como já definido por Francisco Oliveira no seu *O Ornitorrinco*¹³, um desenvolvimento que necessita de uma massa de pessoas com pouco ou nenhum senso crítico, para as quais a educação tem a função única de ensiná-las a ler, escrever e fazer contas. Isso por que elas precisam apenas de uma escolaridade básica, para que então tenham a “capacidade” de operar máquinas com tecnologias cada vez mais avançadas, as quais irão otimizar a produção das indústrias ao mesmo tempo em que substituem o trabalho de diversos operários.

A agricultura é mais um exemplo de desatenção por parte da administração pública. Antes do projeto de industrialização ser implantado na cidade, a agricultura de subsistência era a base da economia. Em virtude de o terreno ser bastante “dobrado”, ou seja, com poucas áreas planas onde poderia ser praticada a plantação extensiva, houve sempre um grande número de criadores de gado leiteiro naquela região, os quais vendiam e ainda vendem sua produção para grandes laticínios na região. Assim, uma das justificativas utilizadas para a implantação das indústrias foi justamente essa pouca rentabilidade da zona rural do município. No entanto, nos últimos anos vêm ocorrendo uma crescente implantação de aviários, para a criação de aves em geral, que são vendidas para grandes abatedouros. Essa nova demanda, somada à dos criadores de gado leiteiro, faz com que a zona rural do município desempenhe um papel significativo na economia. No entanto, o que se percebe é que a administração pública disponibiliza pouco auxílio a esses pequenos produtores, os quais se mostram, de acordo com entrevistas realizadas, insatisfeitos com a atenção exacerbada que se dá às indústrias em detrimento do setor agrário.

A partir de tais apontamentos torna-se interessante a análise de outro trecho da revista aqui apresentada, que trata dos investimentos feitos na área rural do município. Intitulada “Da lavoura para a indústria, um caminho quase perfeito”, a reportagem exalta as readequações

feitas nas estradas principais do interior da cidade, as quais são pavimentadas com pedras irregulares, de forma que possibilitem melhor circulação tanto dos moradores quanto – e principalmente – dos caminhões que fazem a coleta do leite, das aves e de grãos que são produzidos pelos pequenos produtores. Contudo, é importante ressaltar que esses investimentos são feitos também com o intuito de beneficiar as indústrias da cidade, pois a pavimentação de boa qualidade tem como efeito a melhoria no tráfego, “permitindo o transporte dos produtos agrícolas com segurança e barateamento do custo”.

A interferência do poder público na implantação de indústrias é, de acordo com as pesquisas realizadas até aqui, de iniciativa pessoal do Sr. Flávio Penso, o qual assumiu o cargo de Prefeito da cidade em 1989 pela primeira vez. Sua administração foi marcada pela criação de um Parque Industrial no município, sendo que mais tarde foi criado um segundo Parque, pois o primeiro não possuía mais espaço para implantação de novas indústrias e também pela criação do modelo de apoio a essas indústrias. Esse modelo ocorre em forma de comodato, sendo concedido pela Prefeitura o barracão com todas as condições necessárias para o funcionamento e o empresário assume a responsabilidade de fazer sua empresa produzir em até cinco anos, quando então faz o pagamento do barracão à Prefeitura. Esse sistema teve continuidade na administração posterior, de 1993 até 1996, continuando ainda nos próximos quatro anos, quando Flávio retorna ao cargo de Prefeito. Na administração seguinte, de 2001 até 2008, pois o Prefeito se reelege, esse regime é deixado de lado, pois a nova administração valoriza mais as questões agrárias da cidade, realizando a readequação de muitas estradas, a abertura de açudes, entre outras obras ligadas basicamente ao setor da agricultura.

Em 2009, quando Flávio Penso assume pela terceira vez a Prefeitura de Ampére, a cidade já não valoriza tanto a implantação de indústrias. No entanto, as mesmas continuam crescendo, a partir de iniciativas próprias, com ampliações, compra de novos maquinários e contratação de trabalhadores de outras regiões, pois a cidade já não oferece mão-de-obra “qualificada”. Contudo, outro ponto que acredito ser negativo na existência dessas indústrias é o fato de que os salários são nivelados para baixo, ou seja, como existem muitas empresas, existe a necessidade de que haja entre elas um acordo para que nenhuma pague um salário muito acima do mercado, mesmo que seu faturamento lhe permita isso. Se isso ocorresse, os trabalhadores poderiam escolher trabalhar naquela determinada indústria que paga um salário melhor e isso prejudicaria as outras. Deste modo, os trabalhadores não têm porque escolher trabalhar em uma ou em outra indústria por questões salariais, pois todas pagam, aproximadamente, o mesmo salário. Além disso, em todas elas o trabalho é baseado num sistema de produção que busca sempre a superação de “metas” estipuladas para a semana, o mês ou o trimestre. Isso faz com que os funcionários trabalhem num ritmo muito acelerado, com níveis de pressão psicológica e física quase que sobre humanos, o que pode acabar gerando diversos problemas de saúde.

Portanto, considerando o exposto até aqui, percebe-se que industrialização nada tem a ver com desenvolvimento. Se tiver, é no sentido econômico e reservado a determinados setores da sociedade. Esses setores, as classes dominantes, não possuem nenhum tipo de preocupação com condições de saúde, escolaridade e qualidade de vida de seus funcionários, pois quanto mais débeis e apáticos eles forem, melhor será para o industrial. Mas, outro projeto de desenvolvimento seria possível dentro do sistema em que estamos inseridos hoje? A resposta para tal questão não está ainda sob meu alcance, pois para compreendermos as condições em que vivemos temos de recuar historicamente, buscando compreender a origem das relações sociais encontradas hoje em nossa sociedade, a qual prima pela competição, eliminando tudo o que for diferente, não se encaixe nos padrões culturalmente estabelecidos,

ou fuja das regras, ao mesmo tempo em que teimam em desrespeitar tudo aquilo que é legal, tendo fortes tendências à corrupção, à traição e ao egoísmo. Portanto, a pesquisa tem como intuito final perceber de que forma esse desenvolvimento atingiu os diversos setores da sociedade ao longo dos últimos anos e como diferentes camadas sociais o vêem. Buscando perceber se tais setores encontram-se inseridos na mesma lógica dos industriais e da classe dominante em geral, ou se demonstram perspectivas de mudanças e de melhorias para as suas condições de vida e de trabalho.

Referencias Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* São Paulo, SP : Brasiliense, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo, SP: Ática, 2000.

FLORES, Edson Luiz. *Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2009.

LUSTOSA, César Augusto. *A industrialização e o desenvolvimento local: Parque Industrial “Eduardo Dágios” em Pato Branco-PR*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão – PR, 2010.

MENDONÇA, Sônia R. *A industrialização Brasileira*. São Paulo, SP : Moderna, 2004.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*. São Paulo, SP : Boitempo, 2003.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Campinas, SP : Pontes, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 9 ed. amp. Curitiba, PR : Gráfica Vicentina, 2001.

_____. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba, PR : Lítero-Técnica, 1985.

¹ Revista Ampére 34 anos, III Ficamp. Produzida pela Prefeitura Municipal de Ampére. Janeiro de 1995. p. 3

² FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo, SP: Ática, 2000.

³ Idem, p. 56

⁴ ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

⁵ CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

⁶ Informações disponíveis no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 10 de março de 2011, as 14h18min

⁷ Disponível no site: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Ampere.svg. Acesso em 10/11/2010

⁸ WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba, PR : Lítero-Técnica, 1985.

⁹ LUSTOSA, César Augusto. *A industrialização e o desenvolvimento local: Parque Industrial “Eduardo Dágios” em Pato Branco-PR*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão – PR, 2010.

¹⁰ OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista. O ornitorrinco*. São Paulo, SP : Boitempo, 2003.

¹¹ MENDONÇA, Sônia R. *A industrialização Brasileira*. São Paulo, SP : Moderna, 2004.

¹² Idem, p. 84

¹³ OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista. O ornitorrinco. São Paulo, SP : Boitempo, 2003.